

# EMERITA

Estudos de Arqueologia e Património Cultural



Nº 2 - 2016

# EMERITA - Estudos de Arqueologia e Património Cultural, nº 2 (2016)

**Editor:** EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia

**Direcção:** João Carlos Caninas

**Concepção e edição digital:** Alexandre Lima

**Paginação:** Pedro Vasconcelos

**Autores:** Adriano Germano, André Pereira, Armando Sabrosa†, Cézer Renato Santos, Emanuel Carvalho, Fernando Jorge Robles Henriques, Francisco Curate, Francisco Henriques, Guilherme Cardoso, Jacinta Bugalhão, João Carlos Caninas, João Carlos Lopes Nunes, José Carlos Henrique António, Mário Monteiro, Sérgio Manuel Peleja Rosa e Telmo Filipe Alves António

**Capa:** escavação do forno romano da Quinta da Granja, Vila Franca de Xira (autor: Armando Sabrosa)

**Traduções para inglês e francês:** autores e Daniel Silva

**ISSN:** 2183 - 1963

**Os textos e as opiniões neles expressas são da inteira responsabilidade dos seus autores.**

Copyright © 2016: EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia e autores

Todos os direitos reservados. Não se autoriza a utilização dos textos, fotografias e imagens desta edição para fins comerciais e reprodução em suporte papel. São permitidas citações parciais dos textos desta edição desde que sejam indicados os autores, a edição e o editor.

# Índice

## **Apresentação**

*Presentation*

página 4

## **A ocupação da Idade do Ferro na Serra de Monte Deixo: Moinhos Velhos e Moinho da Mariquitas (Torres Vedras)**

*The occupation of the Iron Age in the Serra de Monte Deixo: Moinhos Velhos and Moinho da Mariquitas (Torres Vedras)*

Mário Monteiro e Guilherme Cardoso

páginas 6

## **O abrigo rupestre do Outeiro do Seio (Canhão da Ota, Alenquer)**

*The rock shelter of Outeiro do Seio (Ota Canyon, Alenquer)*

Mário Monteiro e Emanuel Carvalho

páginas 21

## **Forno romano da Quinta da Granja (Cachoeiras, Vila Franca de Xira)**

*The roman kiln of Quinta da Granja (Cachoeiras, Vila Franca de Xira)*

Armando Sabrosa, Fernando Robles Henriques, Emanuel Carvalho e Adriano Germano

página 29

## **Vestígios arqueológicos identificados no Largo da Praça (Carnide, Lisboa)**

*Archaeological remains identified in Largo da Praça (Carnide, Lisboa)*

Mário Monteiro e Guilherme Cardoso

página 46

## **Um oratório islâmico no Cerro da Mina (Complexo Mineiro SOMINCOR, Almodôvar)**

*An Islamic oratory in Cerro da Mina (SOMINCOR Mining Complex, Almodôvar)*

Fernando Jorge Robles Henriques, André Pereira, João Carlos Lopes Nunes e Telmo Filipe Alves António

página 63

## **Bioarqueologia de uma amostra esquelética islâmica proveniente de Carnide (Lisboa)**

*Bioarchaeology of an islamic skeletal sample from Carnide (Lisboa)*

Francisco Curate, André Pereira e Mário Monteiro

página 93

## **As dinâmicas de ocupação urbana em Portel: intervenção arqueológica na Rua da Vila Velha**

*The dynamics of urban occupation in Portel: archaeological research in Rua da Vila Velha*

Fernando Jorge Robles Henriques, Telmo Filipe Alves António, Sérgio Manuel Peleja Rosa, Cézer Renato Santos e José Carlos Henrique António

página 105

## **Gravura rupestre em calcário na Quinta do Escarpão (Paderne, Albufeira): notícia de descoberta**

*Rock carving in limestone at Quinta do Escarpão (Paderne, Albufeira): news of discovery*

Fernando Robles Henriques, Mário Monteiro, André Pereira e Emanuel Carvalho

página 119

## **Contribuição para um catálogo de marcas de termo em Portugal Continental**

*Contribution for a landmark catalog in Portugal (mainland)*

João Carlos Caninas e Francisco Henriques

página 122

## **Relembrando Armando Sabrosa, uma década depois**

*Remembering Armando Sabrosa, a decade later*

Jacinta Bugalhão

página 134

## **Bibliografia de EMERITA**

*Bibliography of EMERITA*

página 169

## Apresentação

Com algum atraso e em moldes diferentes da intenção que fora manifestada aquando da apresentação da edição anterior, tornam-se públicos nove textos que têm de comum resultarem de trabalhos executados por EMERITA no âmbito da prestação de serviços de minimização de impactes de projectos de iniciativa ou de contratação privada.

Seis destes estudos reportam-se a trabalhos de escavação integral (forno romano da Quinta da Granja e oratório do Cerro da Mina) ou parcial (os restantes), remontando a 2005 os mais antigos. Os restantes três textos, um dos quais na forma de notícia e o outro como contributo para um catálogo, abordam manifestações gráficas de natureza e cronologia diversas.

O último texto desta edição recorda Armando Sabrosa, um colaborador e amigo falecido há uma década, e actualiza a sua bibliografia, parte da qual póstuma.

Importa referir que, até esta data, foram publicados, noutras instâncias, diversos trabalhos executados directamente por EMERITA além de outros que resultarem do desenvolvimento de trabalhos ou descobertas efectuadas por esta firma. Esses estudos estão citados em *Bibliografia de EMERITA*.

Entre os casos de execução directa, que foram divulgados noutros meios, podem referir-se as sondagens arqueológicas da *villa* romana da Sub-serra da Castanheira do Ribatejo (Batalha *et al.*, 2009), de estruturas monticulares na Serra Vermelha, em Oleiros (Caninas *et al.*, 2008, 2014 e 2015) e na serra da Lousã (Caninas *et al.*, 2012; Godinho *et al.*, 2012), a escavação integral de fornos romanos na A10 (Sabrosa *et al.*, 2012), de um sítio mustierense em *Vila Velha* de Ródão (Pereira *et al.*, 2015; Paixão *et al.*, 2016), de uma sepultura do tipo *tholos*, em Brinches, Serpa (Henriques *et al.*, 2014), de um depósito votivo na Moita da Ladra, em Vila Franca de Xira (Monteiro & Pereira, 2013 e 2015) e de enterramentos islâmicos em Carnide, Lisboa (Curate *et al.*, 2016) e a valorização de património vernacular (Henriques *et al.*, 2012).

A escavação executada por EMERITA no povoado calcolítico de Moita da Ladra, em Vila Franca de Xira (Cardoso & Caninas, 2010), teve desenvolvimentos posteriores na forma de uma monografia sobre o sítio (Cardoso, 2014) e de estudos de materiais (Gonçalves *et al.*, 2015; Pereira *et al.*, 2016). O mesmo sucedeu com o depósito votivo denominado Moita da Ladra 2 (Cardoso, 2013a, 2013b). Os metais recolhidos no outro depósito votivo, acima mencionado, também foram objectivo de estudo específico (Valério *et al.*, 2015).

O estudo de um abrigo com gravuras e pinturas pré-históricas identificado na foz do rio Tua, no decurso da avaliação ambiental de projecto hidroeléctrico, também teve desenvolvimentos posteriores ilustrativos do seu excepcional interesse (Valdez-Tullett, 2013; Sanches & Teixeira, 2013; Teixeira *et al.*, 2016). Ainda no domínio do estudo de grafismos rupestres refira aplicação do Modelo do Resíduo Morfológico em diversos sítios do Centro de Portugal (Caninas *et al.*, 2011; Pires *et al.*, 2016).

EMERITA tem colaborado desde 2012 no desenvolvimento do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (Henriques *et al.*, 2016).

## Presentation

With some delay and a different intention than the one shown in the previous presentation, the nine texts which resulted from the works done by EMERITA in the delivery of services to reduce the impact of initiative projects or private hiring are now public.

Six of these studies refer to entire (Quinta da Granja's Roman oven and Cerro da Mina's oratory) or partial (the remaining studies) excavation works, the oldest dating back to 2005. The remaining three texts, one of which is in news format and the other as a part of a catalogue, address graphic manifestations, different both in nature and chronology.

It is important to outline that, to this date, diverse works that were executed directly by EMERITA, among others, have been published before. Other studies resulted from the development of works or findings performed by this company. Those studies are cited in this essay's Bibliography.

Among the cases of direct execution which have been disclosed by other means, it is possible to refer to the archaeological surveys of the sub-region of the Castanheira do Ribatejo mountain's Roman villa (Batalha *et al.*, 2009), to stone made structures in Serra Vermelha, in Oleiros (Caninas *et al.*, 2008, 2014 and 2015) and in Serra da Lousã (Caninas *et al.*, 2012; Godinho *et al.*, 2012), to the complete excavation of the Roman ovens at A10 (Sabrosa *et al.*, 2012), to a Mousterian site in Vila Vellha de Ródão (Pereira *et al.*, 2015; Paixão *et al.*, 2016), to a *tholos* tomb in Brinches, Serpa (Henriques *et al.*, 2014), to a votive deposit in Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (Monteiro & Pereira, 2013 and 2015), to Islamic burials in Carnide, Lisbon (Curate *et al.*, 2016) and to a valuation of vernacular patrimony (Henriques *et al.*, 2012).

The excavation carried out by EMERITA in the Chalcolithic settlement in Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (Cardoso & Caninas, 2010), had previous developments with a monography about the site made (Cardoso, 2014) and with other material studies (Gonçalves *et al.*, 2015; Pereira *et al.*, 2016). The same happened with the votive deposit named Moita da Ladra 2 (Cardoso, 2013a, 2013b). The metals collected from the votive deposit mentioned above were also subjects to specific study (Valério *et al.*, 2015).

The study of a Prehistoric shelter with stone markings and paintings identified in Tua's river mouth during the environmental evaluation for the hydroelectric

project, also had previous developments, which illustrate its exceptional importance (Valdez-Tullett, 2013; Sanches & Teixeira, 2013; Teixeira *et al.*, 2016). Still with the purpose of studying rock art, this study refers to the application of the Morphologic Residue Model in different places of Central Portugal (Caninas *et al.*, 2011; Pires *et al.*, 2016).

Since 2012, EMERITA has collaborated in the development of Proença-a-Nova Archaeological Field Camp (Henriques *et al.*, 2016).

# As dinâmicas de ocupação urbana em Portel: intervenção arqueológica na Rua da Vila Velha

## *The dynamics of urban occupation in Portel: archaeological research in Rua da Vila Velha*

Fernando Jorge Robles Henriques<sup>1</sup>, Telmo Filipe Alves António<sup>2</sup>, Sérgio Manuel Peleja Rosa<sup>3</sup>, Cézer Renato Santos<sup>4</sup> e José Carlos Henrique António<sup>5</sup>

### Resumo

No seguimento do projecto de construção de uma piscina em imóvel localizado na vila de Portel, na Rua da Vila Velha, foi implementada, em 2010, uma intervenção arqueológica orientada para a obtenção de um diagnóstico quanto à existência de vestígios patrimoniais. A proximidade imediata ao Castelo de Portel e o facto de se estar em pleno núcleo primitivo da povoação permitia deduzir como bastante provável a presença de estruturas associadas à antiga urbe. Foram abertas quatro sondagens com 4m<sup>2</sup> que vieram confirmar a presença de antigas construções correspondentes ao antigo núcleo urbano. Foram identificados vários muros assentes sobre o substrato rochoso, aos quais surgiu associado um conjunto material abundante, essencialmente cerâmico, indicador de contextos habitacionais datáveis entre a 2<sup>a</sup> metade do séc. XV e inícios do XVI.

**Palavras-chave:** Portel; urbanismo antigo; Idade Média; Idade Moderna.

### Abstract

Following a project submission for the construction of a swimming pool in Portel historic center a diagnostic archaeological intervention was implemented, in 2010. The close vicinity to Portel's medieval castle and its old urban perimeter indicated as highly probable the existence of ancient structures. The four archaeological areas subsequently opened confirmed the early conjectures as they revealed the presence of remains corresponding to the ancient habitation complex, translated

in a series of walls built above the geological substrate. Related to this structures, an abundant material set, mainly ceramic, was recovered, which dated this reality between the 2nd half of the 15th and early 16th centuries.

**Keywords:** Portel; ancient urbanism; Middle Ages; Modern Era.

### Introdução

Na sequência da apresentação de um projecto para construção de uma piscina num imóvel situado na *Rua da Vila Velha* em Portel, foi requerida uma intervenção arqueológica de diagnóstico, dado que a área em questão se encontra a escassos metros a nascente do Castelo de Portel, naquele que terá constituído o primitivo núcleo urbano medieval.

As sondagens realizadas ambicionavam obter informação que permitisse determinar o estado de conservação, a funcionalidade e o interesse científico de eventuais vestígios patrimoniais. A intervenção poderia conceder resultados que

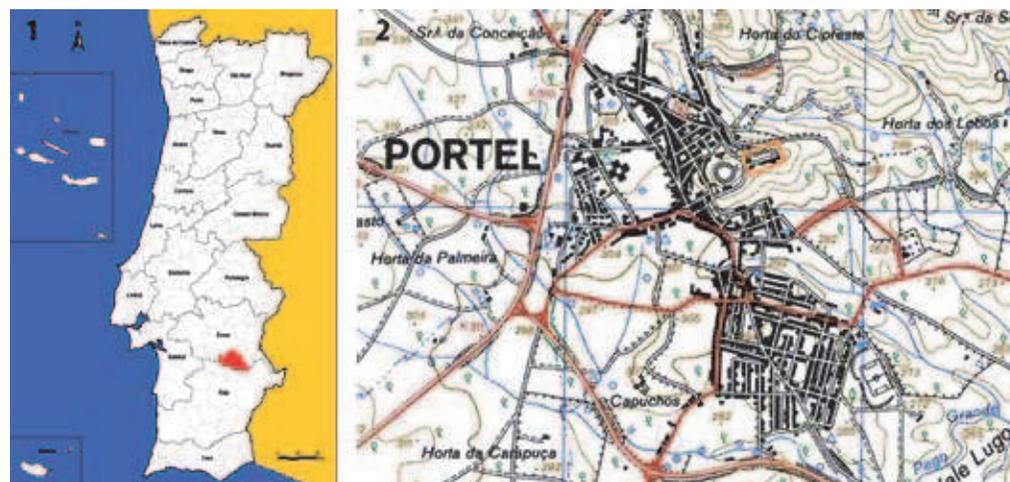


Figura 1. (1) Localização do concelho de Portel em mapa administrativo de Portugal Continental e (2) e do sítio arqueológico sobre extracto da Carta Militar de Portugal à escala 1/25 000 (folha 490).

<sup>1</sup>Nascido em Amareleja - Moura (Maio de 1969). Licenciado em História pela Universidade Lusíada, no ano de 1999. Arqueólogo da Câmara Municipal de Almada, com participação em projectos da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), Centro de Arqueologia de Almada e de outras instituições e investigadores. Desenvolvimento da actividade no âmbito da arqueologia empresarial (colaboração com as empresas de arqueologia EMERITA, Zephyros e Muntu Ardhi), com direcção e intervenção em Estudos de Impacte Ambiental, Prospecções, Escavações e Acompanhamentos.

<sup>2</sup>Nasceu em Lisboa (Dezembro de 1974). É licenciado em História, variante de Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano de 1996. Arqueólogo na Câmara Municipal de Almada. Colaboração com as empresas EMERITA e Zephyros Arqueologia no domínio da arqueologia empresarial, em cujo âmbito dirigiu ou participou em trabalhos a nível nacional (Estudos de Impacte Ambiental, Escavações e Acompanhamentos).

<sup>3</sup>Natural de Mértola (19-10-80), licenciado em Arqueologia pela FLUL, actualmente frequenta o segundo ano do mestrado em Arqueologia na FCSH-UNL. Arqueólogo da Câmara Municipal de Almada. Colaborador das empresas Zephyros Arqueologia e EMERITA empresa de Portuguesa Arqueologia desde 2009.

<sup>4</sup>Licenciado e Mestre em arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador da Uniarq. Área de estudos centrada sobretudo nos estudos ceramológicos de época romana.

<sup>5</sup>Nascido em Almada (Julho de 1969). Assistente Técnico da Câmara Municipal do Seixal. Licenciatura em História - Cultura e Religião da Universidade Aberta. Participação em iniciativas e projectos do Centro de Arqueologia de Almada, outras instituições e investigadores. Tem vindo a participar em vários trabalhos no âmbito da Arqueologia empresarial (colaborando com empresas da especialidade, tais como: Emerita, Zephyros e Muntu Ardhi). Intervenções em estudos de Impacte Ambiental, prospecções, escavações e acompanhamentos

aconselhassem, ou não, a adopção de medidas complementares de salvaguarda (nomeadamente mediante escavação integral e respectivo estudo) e, até, a valorização dos respectivos achados incluindo a publicação dos resultados.

## 1. Enquadramento histórico e geográfico

A área intervencionada pertence ao concelho de Portel (Distrito de Évora). A Vila é sede de um município com cerca de 600 km<sup>2</sup> e cerca de 6428 habitantes (segundo os Censos de 2011), subdividido em oito freguesias (Alqueva, Amieira, Monte do Trigo, Oriola, Portel, Santana, São Bartolomeu do Outeiro e Vera Cruz). Estabelece fronteira, a Norte, com Évora, Reguengos de Monsaraz (Leste), Moura (Sueste), Vidigueira (Sul), Cuba (Sudoeste) e Viana do Alentejo (Oeste).

O território encontra-se documentado na Carta Geológica de Portugal, Folha 40 – D. Geologicamente, a região é dominada pela designada Serra de Portel, maciço montanhoso de origem xisto-grauváquica com uma altitude máxima a rondar os 420 m. Os solos que a compõem são diversos, entre os quais figuram alguns solos de cariz mediterrânico. Não obstante, os litossolos de xisto são predominantes.

A actual povoação de Portel terá tido origem em meados do século XIII, no momento em que, a partir de 1257, D. João Peres de Aboim, valido do Rei D. Afonso III, posteriormente conhecido como D. João de Portel, entra em posse de uma extensa área, destacada da jurisdição de Évora e Beja. Assim, a Vila teria sido fundada em 1261, tendo D. João Peres Aboim atribuído carta de foral aos povoadores do castelo e seus termos, logo em 1262.

A construção do castelo, de estilo gótico, foi autorizada por D. Afonso III. Assente num dos contrafortes da Serra de Portel, localizado em posição dominante sobre a localidade, ter-se-á iniciado em 1261.

Ainda hoje se encontra preservada uma torre de menagem a nascente, ponto onde se localiza uma das suas portas, de onde partia a antiga Rua de Santa Maria, actual Rua da Vila Velha, que atravessava o primitivo núcleo urbano de Portel no sentido Oeste-Este, em direcção à antiga Igreja de Santa Maria<sup>1</sup>. Este perímetro urbano estava delimitado por uma cerca em taipa, pontuada por cubelos quadrangulares, da qual resta um troço significativo, que parte da zona Sul do castelo, prolongando-se para Este.

No seu interior centrar-se-ia a vida económica, social e religiosa da vila, expressa em diversas cartas de aforamento de diversas propriedades, durante o reinado de D. Dinis, datáveis de 1323. O teor desta documentação, em que são descritas as diversas confrontações das propriedades, permite deduzir a existência de dois

<sup>1</sup> Chancelaria de D. Dinis, liv. 4, f.95 e 95v – in Digitarq.

grandes eixos de circulação na vila medieval: a *Rua de Santa Maria* e a *Rua Pública*. Aparentemente, articulando-se com estas vias principais, são ainda mencionadas a *Rua d'Évora* e a *Rua da Fonte*. Refira-se que a *Rua d'Évora* poderá estar relacionada com uma antiga porta da vila situada a nascente, à qual ligava a estrada de acesso a Évora. A descrição, regra geral, é bastante pormenorizada, sendo mencionada a existência, no povoado, das *Cavaliças d'el Rei* e a *Adega d'el Rei*, bem como tendas e cavaliças particulares. São referidos ofícios dos moradores: *tabelião*, *tendeiro* ou *carpinteiro*.

Esta antiga urbe intramuros é, pelo menos desde o séc. XVIII, designada como *Vila Velha*, topónimo que a distinguia da dinâmica expansão que se desenvolvera extramuros a oeste e a norte do castelo, a partir do séc. XV-XVI, em torno de uma nova centralidade político-administrativa que começou a constituir-se na área da antiga *Praça Pública*, actual *Praça D. Nuno Álvares Pereira*<sup>2</sup>.

Esse deslocamento, em tudo semelhante ao que aconteceu noutros pontos do país, ditou o progressivo esvaziamento de incidência económica da *Vila Velha* e conseqüentemente o seu paulatino abandono enquanto área habitacional. Este perímetro enquadrado pela cerca está hoje em dia reduzido a uma área onde impera o plantio de olival. Em simultâneo, o núcleo habitacional existente organiza-se ao longo da *Rua da Vila Velha*.

Em Época Moderna, emerge uma ampla malha urbanística, de traçado regular, a Sul do aglomerado antigo.

O terreno directamente intervencionado, em termos das características topográficas, corresponde, essencialmente, a um talude acentuado, de orientação aproximada Norte – Sul, que confronta directamente a planície regular, na qual se estende a actual povoação (Figura 1). Predispõem terrenos que, à partida e baseado num ponto de vista estratégico, de fundamento defensivo, exibem melhores características estratégicas para assentamento humano.

## 2. A intervenção arqueológica

### 2.1. Metodologia

Os trabalhos arqueológicos decorreram em duas etapas: a primeira, iniciada em 22 de Maio de 2010, consistiu na execução de sondagens arqueológicas; na segunda, assegurou-se o acompanhamento arqueológico da abertura de fundações para construção da casa de máquinas da piscina e valas para as ligações às redes eléctrica e de esgotos. A fase preliminar principiou com a desmatação geral do sector. Após limpeza de vegetação, procedeu-se à remoção de entulhos

<sup>2</sup> Ana Pagará, *ibidem*.Digitarq.

provenientes da abertura da vala que atravessava longitudinalmente o perímetro interno da área intervencionada. Segundo informações fornecidas pela proprietária, essa faixa teria sido aberta há cerca de dois anos (2008) e destinava-se à construção, nunca concretizada, de um muro de contenção. Nos taludes remanescentes foi possível observar a destruição provocada em vários alinhamentos.

Neste contexto, foi planeada a abertura de quatro sondagens, com dimensão individual de 4m<sup>2</sup>. Adoptou-se, como referência altimétrica de coordenação relativa, o topo do muro lateral de divisão de propriedade, situado a Este. Posteriormente, seria cotado por topógrafo afecto à empresa responsável pelo projecto. Foram observados, imediatamente, materiais dispersos à superfície.

Após a abordagem ao terreno, procurando uma melhor distinção e contextualização do material a recolher e eventuais estruturas a detectar, optou-se pela evolução da investigação a partir da exumação de camadas naturais.

Em conversa preliminar estabelecida com o encarregado de obra e atendendo às marcações presentes no terreno (assinaladas a tinta vermelha nos postes que delimitavam a zona de afectação), foi revelado que a escavação teria de baixar a

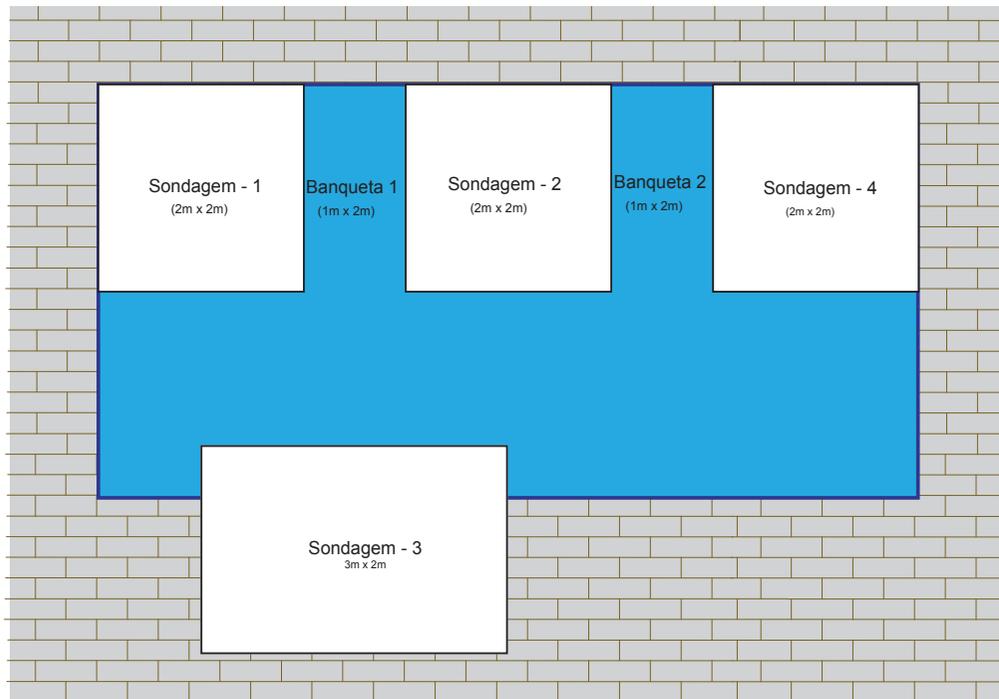


Figura 2. Distribuição das áreas intervencionadas, sobre a planta da piscina.

cota em cerca de 130 cm no canto Oeste. No cunhal Este, o rebaixamento de nível teria de ser cerca de 100 cm.

Posteriormente, implantou-se a quadrícula aproveitando os quatro postes colocados previamente nas extremidades do talude (8 m de comprimento; 4 m de largura). Os trabalhos iniciaram-se com a abertura das *Sondagens 1 e 2*. O primeiro estrato, comum a toda a área, era de entulho, bastante solto. Resultando da escavação da vala, teria sido deposto no cimo do declive próximo. Foi recolhido material diverso, sem cronologia condutora.

Na segunda etapa procedeu-se ao acompanhamento arqueológico da abertura de fundações para construção da casa de máquinas da piscina e valas de cabo eléctrico e tubo de esgoto. Como salvaguarda de destruição, previa-se o rasgo de uma faixa de segurança com cerca de 20/30 cm de profundidade nas áreas onde se iriam implantar as infra-estruturas.

## 2.2. Resultados obtidos

Na *Sondagem 1* identificou-se um muro encostado ao lado Oeste, aproveitando o afloramento de xisto laminado. O aparelho da estrutura encontrava-se relativamente fragilizado. Foi construído com recurso à organização de blocos de xisto, assentes horizontalmente e agregados com argila. Argamassa de cal apenas nas faces laterais, interiores e exteriores, como estuque ou matéria-prima de contrafortagem e oposição de deslizamentos. Apresenta uma orientação, *grosso modo*, Sul-Norte. Todo o corte Ocidental se encontrava assente em afloramento.

A divisão estabelecida pela *Banqueta 1* foi anulada pela remoção de sedimentos que a constituíam. O alinhamento que se encontrava sob a segmentação artificial foi posto a descoberto, efectuando, então, a divisão entre sectores de escavação. A Poente, após remoção de uma unidade estratigráfica de derrube estrutural, foi parcialmente intervencionado um estrato que sugere abandono (composto por fragmentos de cerâmica comum e armazenamento, telhas, blocos de xisto de pequena dimensão). Durante este processo foi possível recolher material cerâmico, incluindo faiança, que possibilitou a datação do momento de ausência de ocupação.

Na *Sondagem 2*, registou-se a presença de uma estrutura transversal com orientação Oeste – Este, em mau estado de conservação. Localizado a Leste, foi detectado em nível inferior, parcelarmente destruído, sem coroa superior, contrastando com o ponto onde ocorre contacto com o muro soterrado sob a *Banqueta 1*. Indicia um rompimento por força ou tracção, especialmente quando se agrega ao perfil Nascente. Esta parede foi adossada a uma vala de implantação, com cerca de 20 / 25 cm de largura. No seu interior, enchimento preenchido por

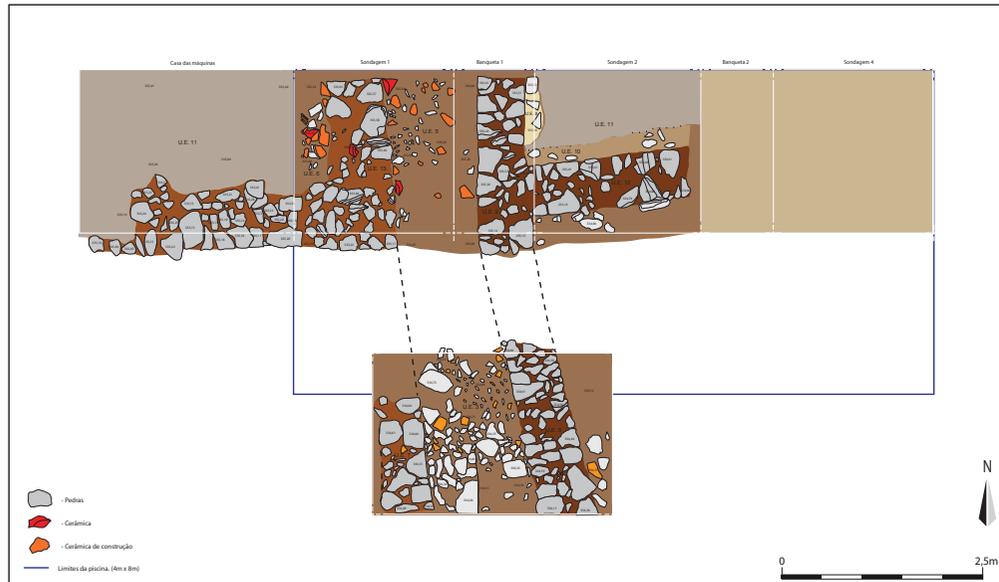


Figura 3. Planta geral da área escavada.

sedimentos, blocos de xisto de diminuto porte e alguns fragmentos cerâmicos. Argamassa como elemento de estucagem e aglomeração estrutural. No topo, a Norte, afloramento de pente suave, artificialmente talhado por acção humana. A construção do muro obrigou ao corte do substrato rochoso, com o subsequente objectivo de encosto. Em ambas as áreas, os alinhamentos encontram-se perfeitamente definidos.

A escavação da *Sondagem 3* foi motivada pelas informações que garantiam a construção de um muro de sustentação de terras a Sul da área prevista para implantação da piscina. Precavendo a abertura de uma vala de fundação, optou-se pela intervenção no local. Abaixo do nível superficial, resguardava um conjunto de três muros exibindo orientação desigual. Os laterais, paralelos, apresentam contorno e direcção bem definida. Corresponderão aos muros reconhecidos nas *Sondagens 1 e 2* e foram intersectados pela maquinaria. Em posição intermédia, alinhamento parcial, interrompido, conduzindo a crista rochosa cortada e preparada para sustentar blocos de xisto. O afloramento indicia orientação similar à assumida pela parede parcelar. Nas faces, argamassa. Entre paredes, níveis de derrube e, seguidamente, de abandono.

No dia 23 de Maio, foi reconhecido e assumido um erro de projecto, nomeadamente um engano de escala, sem consequências danosas para a evolução dos trabalhos.

Ao contrário do que foi estabelecido durante a conversa preparatória de abordagem ao terreno, a potência de terra retirada até ao momento não se justificaria. A tentativa de correcção implicou a abertura de nova área localizada no canto Nordeste, designada por *Sondagem 4*. Estabeleceu-se a profundidade de 70 cm como nível suficiente para imposição da piscina. Foi concluída rapidamente, sendo necessário intervir apenas na unidade estratigráfica de deposição de sedimentos provenientes da abertura da vala preexistente.

Posteriormente, delineou-se uma gestão parcial de avaliação de incidências de obra. Apesar de previamente combinada a data de acompanhamento, sem que a equipa de arqueólogos estivesse presente, o perímetro destinado à construção da casa das máquinas da piscina foi escavado, sem supervisão, por retroescavadora, sugerindo visualmente a destruição, ainda que superficial, de níveis arqueológicos preservados. Não obstante, o prolongamento das estruturas identificadas durante a realização de sondagens tinha sido poupado. Na periferia, apenas se verificou a exumação e deslocação de estratos de ocupação recente, caracterizados pela presença de entulhos abundantes.

No local da casa de apoio verificou-se que, em certos pontos contíguos, o desaterro atingira o afloramento de xisto. Foi necessário intervir em nível arqueológico constituído por cinzas, com material cerâmico e alguns ossos associados. Extremamente solta, revelava-se de fácil exumação. Estendia-se ao sector escavado, na sua maior expressão (junto à *Sondagem 1*), em cerca de 40 / 50 cm, estreitando na direcção Oeste. De tendência horizontal, corresponderia a contexto de despejo / lixeira. Alguns fragmentos resgatados nesta unidade estratigráfica exibem vestígios de acção de fogo pós-abandono (linha de fractura igualmente carbonizada). Circunscrever-se-ia, originalmente, ao exterior das estruturas assinaladas no decurso dos trabalhos arqueológicos preliminares (antigo logradouro?).

Os materiais recolhidos na estreita faixa de cinzas preservada permitiram esboçar proposta de datação centrada na 2ª metade do séc. XV / inícios do séc. XVI.

### 2.3. Medidas de salvaguarda

O espaço intervencionado foi coberto manualmente e a passagem das máquinas evitada. Esta etapa final de trabalho deveria ser minuciosamente acompanhada e documentada, nomeadamente através de um rigoroso levantamento fotográfico. Estas eram condições mínimas e definitivas que determinavam o desenvolvimento e concretização do projecto.

A cobertura das estruturas foi assegurada através da colocação manual de areia lavada sobre o geotêxtil, manualmente compactada e, sobre esta, depositada gravilha a condensar, de igual modo, sem intervenção de meios mecânicos. Pretendia-se, desta forma, constituir um nível de protecção entre as estruturas identificadas e a piscina a construir que possibilite, também, uma boa drenagem, essencial à preservação futura destes vestígios.

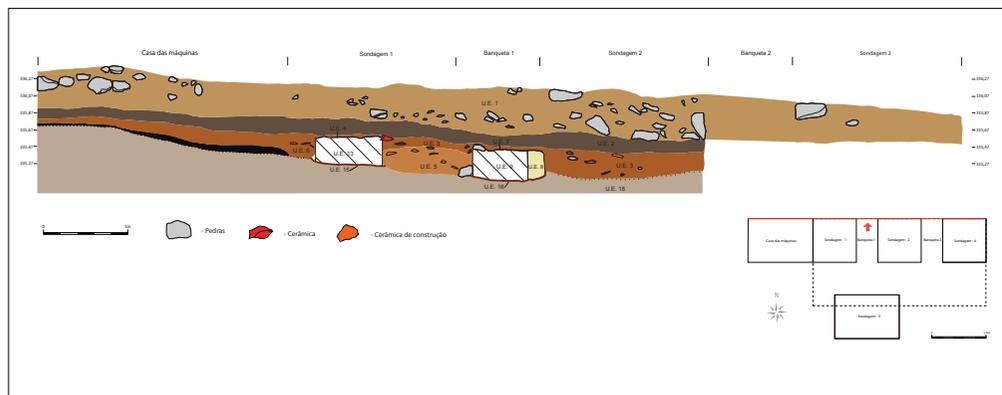


Figura 4. Corte Norte.

### 3. Espólio: catálogo morfológico e tipológico

De uma amostra total de 582 fragmentos cerâmicos recuperados no decorrer da intervenção, foram seleccionados 21 fragmentos considerados representativos da globalidade de tipologias e formas exumadas durante o processo de escavação. Em termos de prevalência de tipos cerâmicos, esta é claramente dominada pela cerâmica de uso comum (ver Figura 5) que engloba a cerâmica de mesa, de cozinha e de armazenamento. Em percentagens consideravelmente mais reduzidas surge a cerâmica vidrada e, com expressão quase residual, a esmaltada.

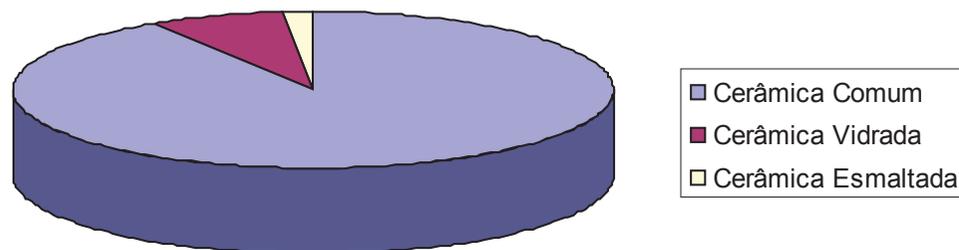


Figura 5. Gráfico representativo de tipologias cerâmicas recolhidas durante a intervenção arqueológica.

O conjunto cerâmico, na sua globalidade, aponta para um contexto atribuível à 2ª metade do séc. XV, inícios do XVI. A sua comparação com as tipologias cerâmicas coevas permite um enquadramento nesse sentido. Os dois numismas recolhidos permitem aferir a datação adiantada.

O pormenor de estes materiais se encontrarem associados a estruturas habitacionais, nomeadamente na sua fase de abandono, vem de encontro às cronologias propostas para o abandono da zona conhecida por *Vila Velha*, a qual corresponderia a antigo burgo intramuros. A partir do momento em que o centro político e administrativo se começa a deslocar, entre o séc. XV e o séc. XVI, para o espaço exterior onde hoje se implanta o centro histórico, a *Vila Velha* terá sido progressivamente remetida para uma situação de periferia. O facto de não ter sido verificada continuidade de ocupação deste espaço além deste período, parece confirmar, de facto, o abandono definitivo da área.

As tipologias cerâmicas identificadas, a par de outros vestígios, nomeadamente os faunísticos, permitem perceber uma realidade ligada à vida quotidiana, inserida em meio urbano. Tratar-se-ia, sem dúvida, de um contexto habitacional com alguma prosperidade, facto indiciado não só pela presença de alguns materiais de circulação, à época, pouco disseminados, mas também pela proximidade imediata ao castelo, centro do poder político local. A actual *Rua da Vila Velha* corresponderá a uma das principais vias de acesso ao castelo (a antiga *Rua de Santa Maria*), local de circulação de pessoas e bens, pelo que as estruturas postas a descoberto estariam em plena malha urbana medieval, no interior da antiga cerca, um espaço que a muralha envolvente, mais do que defender, enquadrava marcando um limite físico e de estatuto<sup>3</sup>.

#### 3.1. Cerâmica de construção

Em todas as sondagens escavadas foram identificados numerosos fragmentos de cerâmica de construção, nomeadamente telhas. Trata-se de peças que integram a tipologia de meia-cana, com uma espessura que ronda os 10mm. As superfícies, quer interna quer externa, não apresentam, regra geral, qualquer tipo de tratamento.

#### 3.2. Cerâmica comum (de uso doméstico)

Com formas comuns a contextos deste período, foi possível constatar a sua similaridade com materiais de sítios estudados em Cascais (G. Cardoso), Évora (F. Teichner), Lisboa (A. Sabrosa) e Almada (A. Sabrosa):

**Panelas** (Estampa 1). Esta tipologia, relacionada com a confecção de alimentos, surge como a mais frequente na amostra estudada. Caracteriza-se pelo colo curto

<sup>3</sup>Ana Pagará, *ibidem*.

e, em regra, bem marcado, na transição para o bojo das peças. As pastas são de cor laranja, pouco depuradas e sem tratamento aplicado às superfícies.

**Testos** (Estampa 2). Os testos representam uma das formas com elevada frequência no universo da amostra. Em todos os exemplares identificados foi possível constatar a ausência de barbela, caracterizando-se antes pela existência de aba larga ligeiramente arqueada com o bordo boleado ou, num dos casos, biselado, sendo a base plana. As pastas são alaranjadas/vermelhas claras e pouco depuradas. As superfícies, sem qualquer tipo de tratamento, apresentam vestígios de acção do fogo.

**Taças** (Estampa 3). Com uma função relacionada com o serviço de alimentos à mesa, os exemplares identificados, morfológicamente semelhantes às tigelas, apresentam diâmetros consideravelmente mais elevados (240 a 340 mm), tendo ainda assim um perfil elevado, marcado por carena alta. As pastas são de cor laranja, pouco depuradas, sendo visíveis na superfície interna resquícios de aplicação de engobe. Um dos exemplares (Estampa 3, nº 1), apresenta uma decoração por digitação, na linha de bordo.

**Funil (?)** (Estampa 4, nº1). Peça cujo perfil parece apontar para uma função relacionada com o escoamento de líquidos. Apresenta uma carena alta, obtusa e bem marcada. Com pasta bem depurada, de cor vermelha, é bem visível na superfície interna o que resta de um engobe bastante espesso aí aplicado. Tanto a superfície externa como a linha de fractura apresentam vestígios de acção do fogo consistentes com um contexto de lixeira/abandono.

**Tigela** (Estampa 4, nº 2). Exemplar que, sem ostentar carena, mas apenas duas leves caneluras abaixo da linha de bordo, possui base aplanada. A pasta é bem depurada, de cor laranja, sendo a superfície interna caracterizada pela aplicação de engobe em motivos reticulados.

**Púcaro** (Estampa 4, nº 3). Com um único exemplar identificado e também vocacionado para o serviço de mesa surge o púcaro. Com forma ogival, com paredes pouco espessas (entre os 2 e 3 mm), apresenta boa qualidade de fabrico e uma pasta bem depurada, assim como um tratamento elaborado da superfície externa (brunimento e engobe).

**Tachos** (Estampa 5, nº 1 e 2). Outra forma é a do tacho, cuja funcionalidade de ir ao lume é denunciada pelos vestígios claros de acção do fogo. Com um bordo reentrante e carena acentuada, possui uma pasta depurada e um alisamento da superfície interna.

**Talhas** (Estampa 6, nº1). Eminentemente relacionadas com o armazenamento de alimentos, as talhas marcam presença no conjunto exumado. Ostentando paredes com espessuras que atingem os 25 mm, estas são peças de grandes dimensões e, portanto, com grandes capacidades. As pastas são pouco depuradas, ostentando e.n.p. de dimensões (5mm) acima da média. As superfícies internas apresentam-se alisadas e com vestígios de aplicação de engobe.

**Alguidares** (Estampa 6, nº 2). Marcado pelo elevado diâmetro, o exemplar de alguidar aqui apresentado possui um bordo em aba de forma oval e uma pasta avermelhada, bem depurada, com um engobe espesso aplicado na sua superfície interna.

### 3.3. Cerâmica vidrada

Surgindo neste contexto como o segundo grupo cerâmico em termos de presença quantitativa, a cerâmica vidrada tem, apesar disso, uma presença algo residual, com um total de apenas 42 fragmentos. De entre as formas passíveis de reconstituição, estão as escudelas e as tigelas, expressão da sua utilização enquanto loiças de prestígio à mesa. Dentro deste grupo as peças vidradas a verde constituem a grande maioria, sendo os melados ou amarelos, de presença pontual. As pastas são bem depuradas.

**Escudela** (Estampa 7, nº 3). Peça de bordo boleado e carena de ângulo obtuso. A pasta é bem depurada e de cor vermelha clara. Revestida interna e externamente com vidrado verde brilhante.

**Tigela** (Estampa 7, nº 4). Fragmento de pequena tigela, de bordo boleado e pasta vermelha, bem depurada. Revestida a vidrado verde nas superfícies interna e externa.

### 3.4. Cerâmica esmaltada

A cerâmica esmaltada a branco de produção ou inspiração espanhola, ainda que em percentagens reduzidas, marca presença constante em contextos escavados em Portugal e são atribuíveis à 2ª metade do séc. XV, inícios do XVI. Independentemente da sua origem, a loiça desta tipologia de produção surge claramente como um bem de prestígio destinado a salientar, em contexto social, uma certa preponderância económica dos seus proprietários. Os exemplares recolhidos nesta escavação (nove fragmentos) demonstram, através da pouca expressão no universo material exumado, esse carácter “excepcional”. Foram identificadas três formas distintas, todas vocacionadas, como é natural, para o serviço de mesa.

**Escudelas** (Estampa 8, nº 1 e 2). 1 - Peça de paredes verticais com uma pega aplicada um pouco abaixo da linha de bordo. Apresenta uma linha de inflexão pouco perceptível por ser o ponto de fractura. A pasta é bege e muito depurada, estando coberta integralmente por esmalte espesso de cor branca. 2 - Peça com carena de ângulo obtuso e bordo boleado. A pasta, de cor bege, encontra-se bem depurada, sendo a superfície revestida por esmalte branco no interior e exterior.

**Pratos** (Estampa 8, n.º 3). Apenas um dos fragmentos recolhidos, com reconstituição possível se integra nesta tipologia. Exibe um bordo afilado, sendo a parede bastante plana. Com uma pasta extremamente depurada, de cor bege, expõe um revestimento integral em esmalte branco espesso.

### 3.5. Outros materiais cerâmicos

**Malha de Jogo.** Para além do espólio relacionado com um carácter essencialmente utilitário e doméstico foi também possível recolher uma malha, expressão material do lazer na vida quotidiana da época. Trata-se de uma peça de forma circular, obtida a partir do afeiçoamento de um fragmento de talha reaproveitado. Caracteriza-se por um diâmetro de 7 cm e uma espessura de 2 cm.



Figura 6. Malha de Jogo.

### 3.6. Materiais metálicos

Os materiais metálicos recolhidos no decurso da escavação dizem respeito (com excepção das moedas) a objectos de uso quotidiano, sendo exclusivamente em ferro. Assim, foi possível identificar algumas pequenas cavilhas, um elemento de fivela e o que aparenta ser a lâmina de uma pequena faca.



Figura 7. Prego e lâmina de pequena faca.

**Numismas.** Na *Sondagem 3*, recolheram-se dois numismas em cobre e em mau estado de conservação. O primeiro foi encontrado na UE 2. Trata-se de um ceitel do reinado de D. João III (1521-1557). Magro (1986) estima o período de produção das moedas integráveis no designado Grupo 5 entre 1535 e 1540. Apresenta uma circunferência, lisa, e castelo de muralha baixa, com porta. Torre central afastada da muralha. Armas de Portugal. Escudo do 5º Tipo, isolado, sem castelos.



Figura 8. Ceitel de D. João III.

O segundo numisma foi identificado na UE 3: ceitel do reinado de D. João II (1481-1495). Magro (1986) estima o período de produção das moedas integráveis no Grupo 6 entre 1485 e 1495. A moeda evidencia, em ambas as faces, indícios de dupla batida.

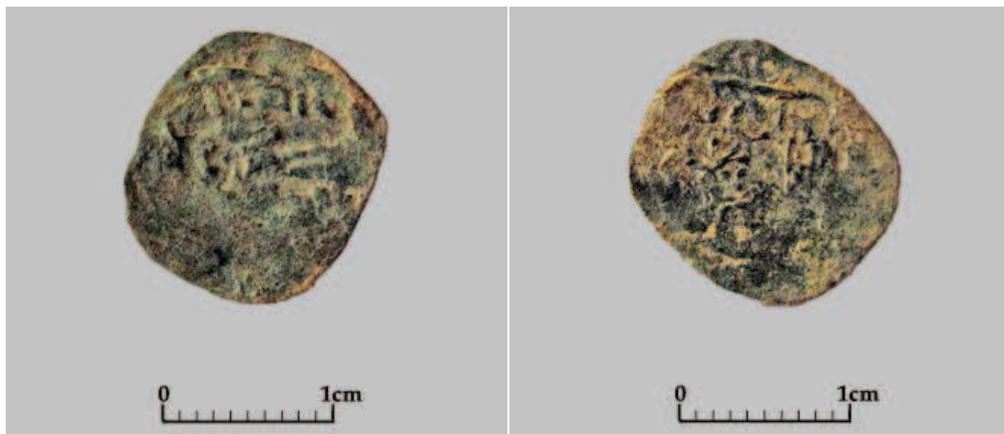


Figura 9. Ceitel de D. João II.

Exibe circunferência, lisa, castelo de muralha curva, comprida, baixa e ameada, tocando a circunferência. Armas de Portugal, com escudo do 5º Tipo, encimado por anelete (e, com toda a probabilidade, também ladeado por aneletos).

A classificação dos numismas foi da responsabilidade do Arquitecto João Paulo Santos, a quem muito agradecemos.

### 3.7. Materiais vítreos

Os materiais em vidro, de circulação ainda bastante restrita durante este período, surgem de modo meramente residual no espólio exumado. Um bordo, possivelmente de uma pequena jarra, constitui o exemplar mais significativo de entre um total de 16 fragmentos resgatados. Com as arestas bastante boleadas, apresenta um bordo em aba extrovertida, sendo o colo da peça percorrido por nervuras verticais. Com uma tonalidade verde, apresenta algum desgaste superficial. Foram igualmente recuperados dois fragmentos de escória de vidro.



Figura 10. Fragmento de bordo, possivelmente de uma pequena jarra em vidro.

### 3.8. Fauna

Não se efectuou qualquer estudo arqueozoológico dos restos recolhidos. Contudo, tratam-se seguramente de restos de refeições que indiciam uma dieta em que o consumo de carne teria um peso assinalável e incluiria bovídeos e porco. Num dos ossos é possível constatar a existência de um corte profundo.



Figura 11. Vestígios osteológicos que denunciam dieta que incluiria consumo de carne.

#### 4. Notas conclusivas

No decurso dos trabalhos arqueológicos, as estruturas identificadas foram fotografadas e desenhadas em detalhe. A interpretação do sítio encontra-se condicionada pela densa ocupação de estruturas em área circunscrita de intervenção, factor que impossibilita uma leitura e interpretação globais. Pode, ainda assim, ponderar-se como hipótese a existência de uma rua estreita, orientada sensivelmente a norte, delimitada pelas estruturas postas a descoberto (Figura 4), eventualmente correspondentes a dois edifícios distintos. Como na generalidade das malhas urbanas de origem medieval, também aqui seria normal a existência de vielas cuja configuração resultaria de uma ocupação do espaço não necessariamente planeada. Com base no material recolhido, considerado no seu todo, tudo indica estarmos em presença de contextos puramente residenciais, ao que tudo indica com uma expressão socioeconómica relativamente elevada.

Os materiais recolhidos permitem conjecturar uma proposta de datação balizável entre as últimas décadas do séc. XV e inícios do séc. XVI, período que tem sido apontado para a progressiva expansão da vila para fora do seu perímetro primordial. Como se escreveu atrás, essa expansão terá acompanhado a deslocalização do “centro” e, não tendo ditado, como é óbvio, um abandono precipitado da vila medieval, tê-la-á remetido a um crescente estatuto de arrabalde. Provavelmente ter-se-á assistido, num primeiro momento, à deslocação das elites económicas que acompanharam essa mudança, procurando estabelecer-se junto do que se

constituía como a nova centralidade político-administrativa e, por consequência, também social. Habitantes com ofícios como o de tabelião procurariam, naturalmente, fixar-se junto dos novos centros de decisão.

Estando limitados aos dados parcelares de uma intervenção tão circunscrita parece, de facto, que os níveis de colapso estrutural identificados marcam o término da ocupação nesta área, não se tendo verificado a existência de construções posteriores.

A imposição da estrutura de piscina apenas obrigava a um aterro que colmatasse as diferenças de cota existentes no talude sujeito a intervenção arqueológica, não se prevendo movimentações intrusivas no solo. Assim sendo, propôs-se a protecção das estruturas identificadas, processo que deveria incluir a sua cobertura com geotêxtil e salvaguarda de impacte directo de pressão de terras a depositar. Recomendou-se a cobertura da área escavada com geotêxtil e níveis de areia e brita intercalados e bem compactados como amparo de pressão. Foi considerado fundamental a execução de acompanhamento da obra por arqueólogo, nomeadamente ao nível de eventuais operações de escavação e revolvimento de terras. Todas as recomendações emanadas da equipa de Arqueologia foram criteriosamente cumpridas.

#### Bibliografia consultada

Alarcão, J. de (1988a) - Roman Portugal, vol. 2, fasc. 2 (Coimbra & Lisboa), Warminster.

Alarcão, J. de (1988b) - O domínio romano em Portugal, Publicações Europa América, Lisboa.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Chancelaria de D. Dinis - Doações, Ofícios e Mercês, Livro 4, Folha 95 e 95v.  
Cardoso, G. & Rodrigues, S. (1991) – Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais, Actas do IV Congresso Internacional – A Cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental, Lisboa, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 575 – 585.

Cardoso, G. & Rodrigues, S. (1999) - Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. Arqueologia Medieval. Porto. 6, pp. 193-212.

Cardoso, G. & Rodrigues, S. (2002) - Conjunto de peças de cerâmica do século XVII do Convento de Nossa Senhora da Piedade de Cascais. In: Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana. Almada: Câmara Municipal, pp. 269-288.

Cardoso, G. & Rodrigues, S. (2008) – As cerâmicas do Poço Novo (II) – Cascais. In: Actas das 4as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 95-108.

Carneiro, A. (2009) – Itinerários romanos do Alentejo – uma releitura de «As Grandes Vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio» de Mario Saa, cinquenta anos depois, Lisboa, Ed. Colibri.

Diogo, A. M. Dias & Trindade, L. (2008) – Cerâmicas de Barros vermelhos provenientes de entulhos dos terramotos de 1531, em Lisboa, Actas das Quartas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela, 2000, pp. 171-186.

Fonseca, J. (2007) – Dicionário do nome das terras, 2ª Edição, Casa das Letras, Cruz Quebrada.

Gaspar, A. & Amaro, C. (1997) - Cerâmicas dos séculos XIII-XV da Cidade de Lisboa, Actes du Vleme Congrès de LÁIECM2, Aix-en-Provence, 1995, Narration Éditions, pp. 337-345.

Gomes, M. V. (2008) - Dois fornos de cerâmica de Silves (séculos XVI-XVII) - notícia preliminar. In: Actas das 4as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 271-292.

Gomes, M. V. & Gomes, R. V. (1996) - Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV a XVI do Poço Cisterna de Silves. In: Xelb, Silves, 3, p. 143-205.

Magro, F. A. C. (1986) - Ceitis. Sintra, Instituto de Sintra.

Marques, A. H. O. (1980) - Ensaio de História Medieval Portuguesa, 2ª Edição, Editora Vega, Lisboa.

Mattoso, J. (1983) - Portugal Medieval. Novas interpretações, 2ª Edição. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.

Mattoso, J.; Daveau, S. & Belo, D. (2010) - Portugal - o sabor da terra, 2ª Edição, Temas e Debates - Círculo de Leitores.

Mendes, H.; Pimenta, J. & Valongo, A. (2002) - Cerâmicas medievais provenientes da escavação da Travessa da Lameira n.º 21 - Centro Histórico de Santarém, Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 5, número 1, pp. 259-276  
Pagará, Ana - Castelo e Vila Velha (Património Militar) - in: www.cm-portel.pt

Raposo, Jorge (2001) - "Sítios arqueológicos visitáveis em Portugal", Al-madan, 2.ª Série, n.º 10, Almada, p. 100-157.

Ribeiro, Orlando (1991) - Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, Coimbra, 6ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa.  
SAA, Mário (1960) - As grandes vias da Lusitânia, 3, Lisboa.

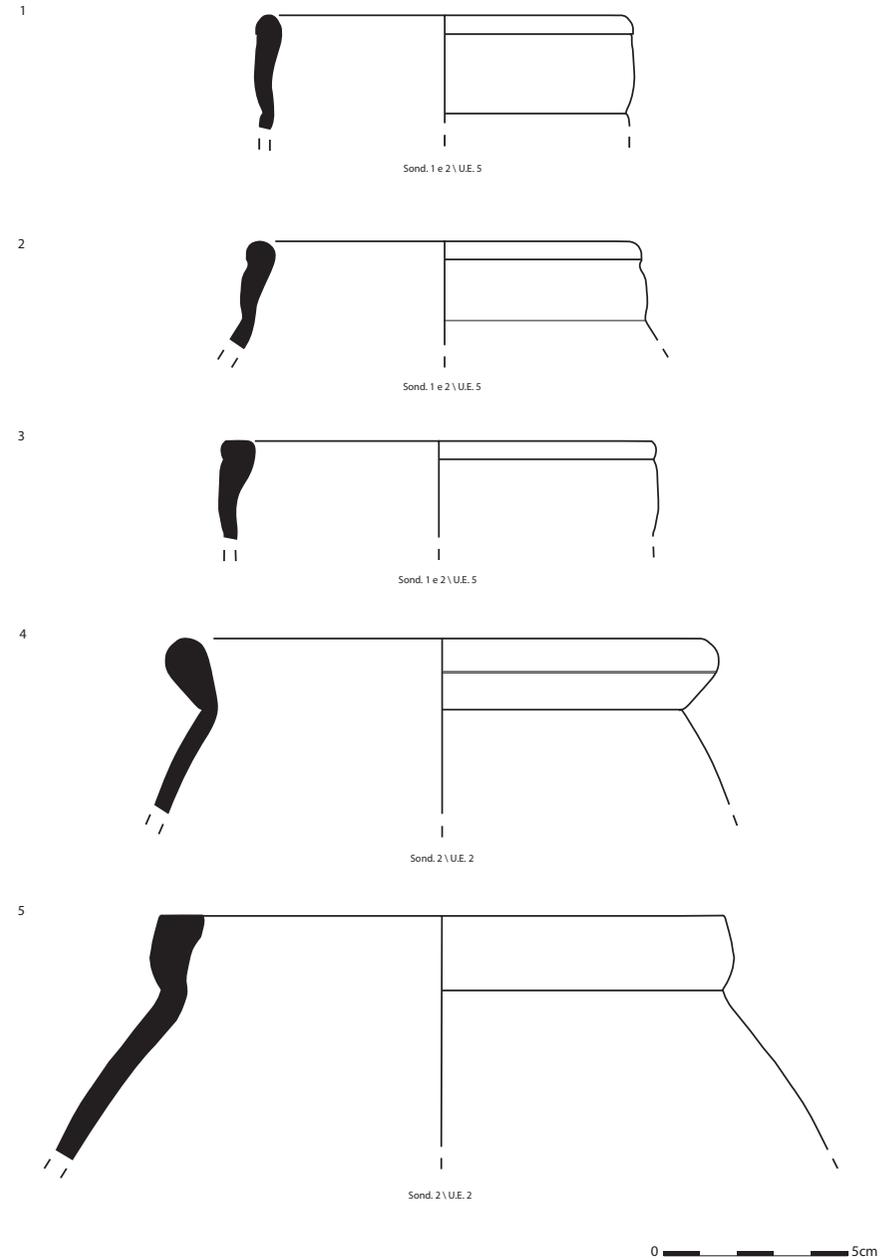
Sabrosa, A. (1994) - Cerâmicas Quinhentistas do Palácio Pragana, Al-Madan, 2ª Série, n.º 3, Almada, pp. 38-44.

Sabrosa, A. (2008) - As Faianças da Casa Côrte-Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa, Actas das Quartas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela, 2000, pp. 109 -142.

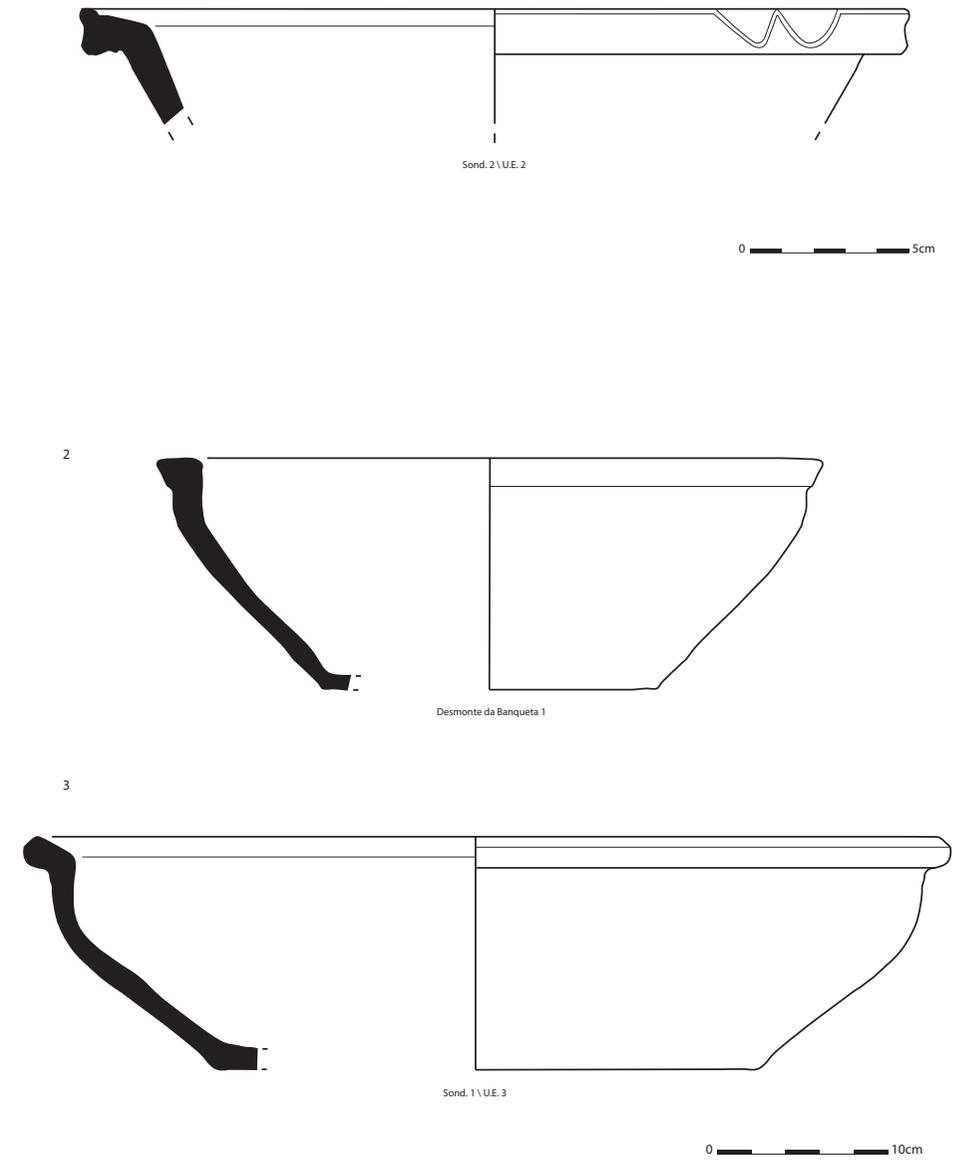
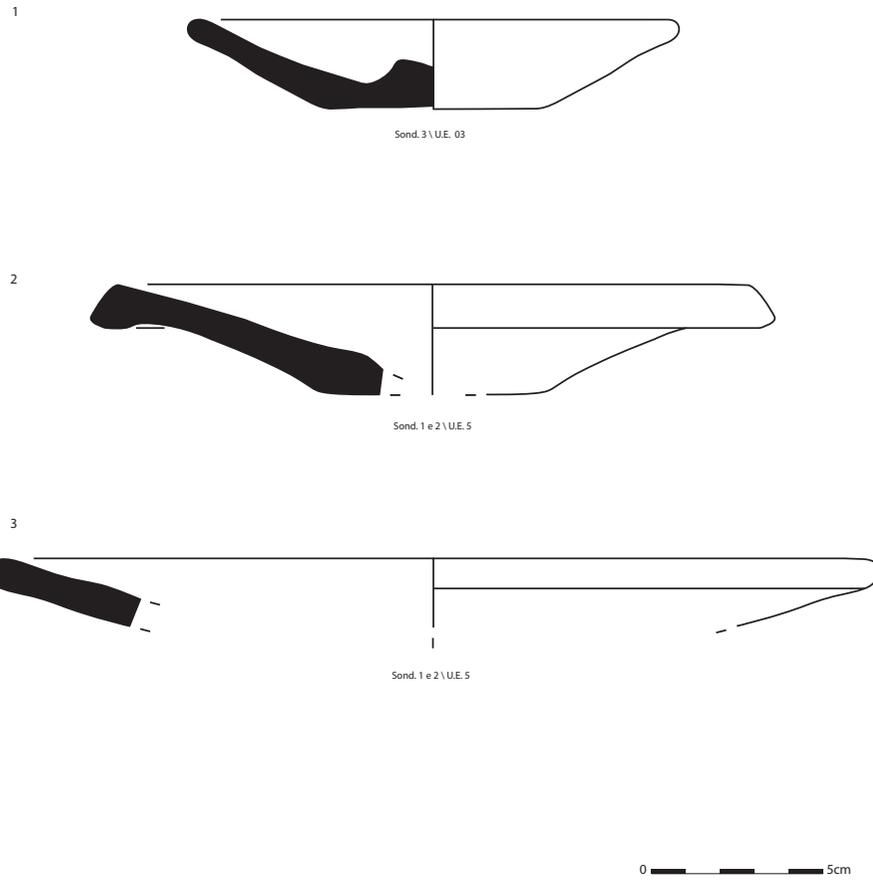
Sousa, E. (2006) - Arqueologia da Cidade de Machico - A Construção do Quotidiano nos séculos XV, XVI e XVII, CEAM, Machico.

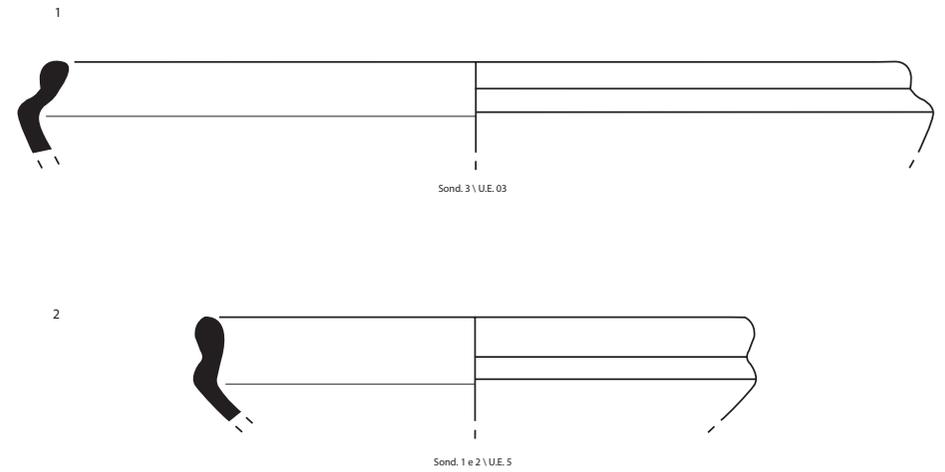
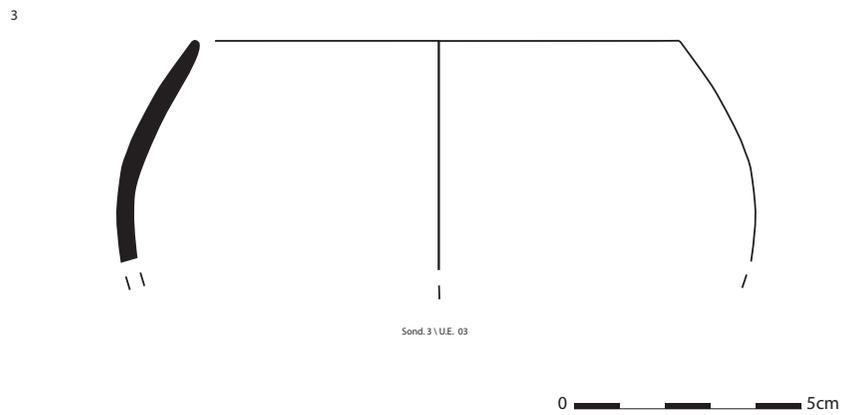
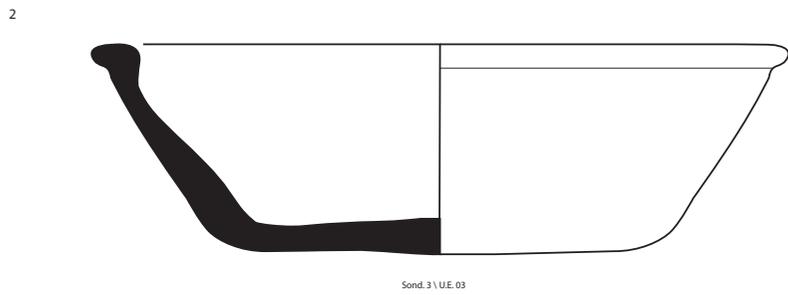
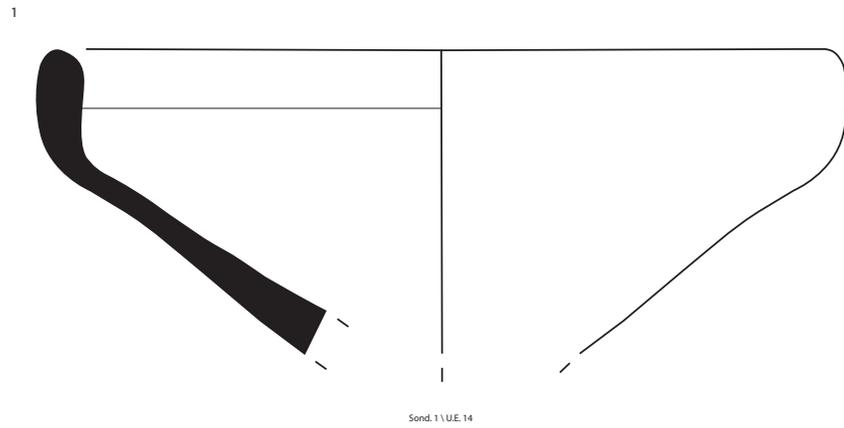
Teichner, F. (2003) - Dois Conjuntos de Cerâmicas Quinhentistas provenientes do Convento de S. Domingos e do Claustro da Igreja de S. Francisco, em Évora, Revista Portuguesa de Arqueologia, vol. 6, número 2, pp. 501-520.

## Estampas



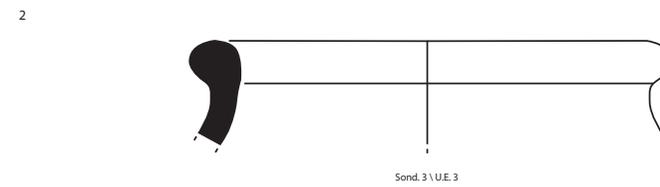
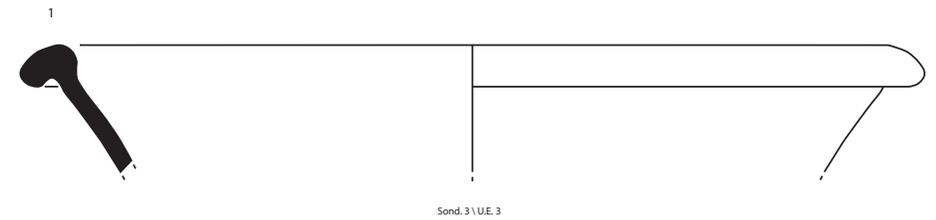
Estampa 1





0 5cm

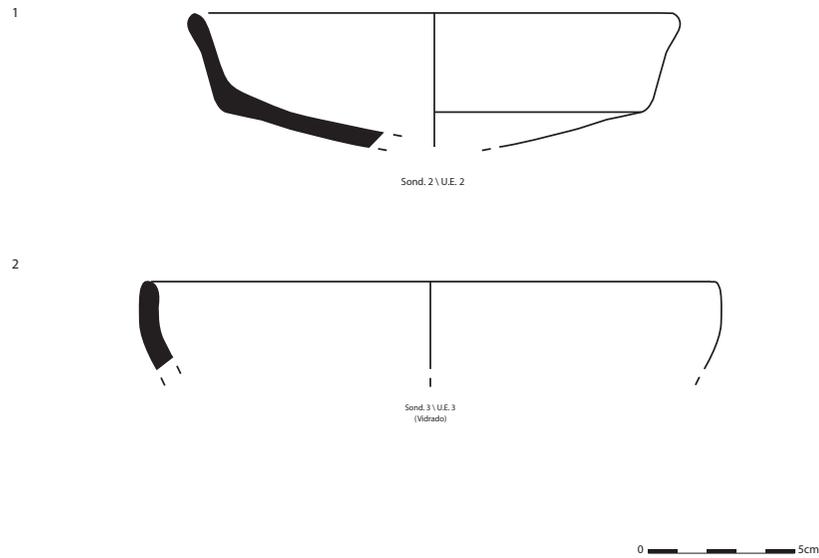
Estampa 5



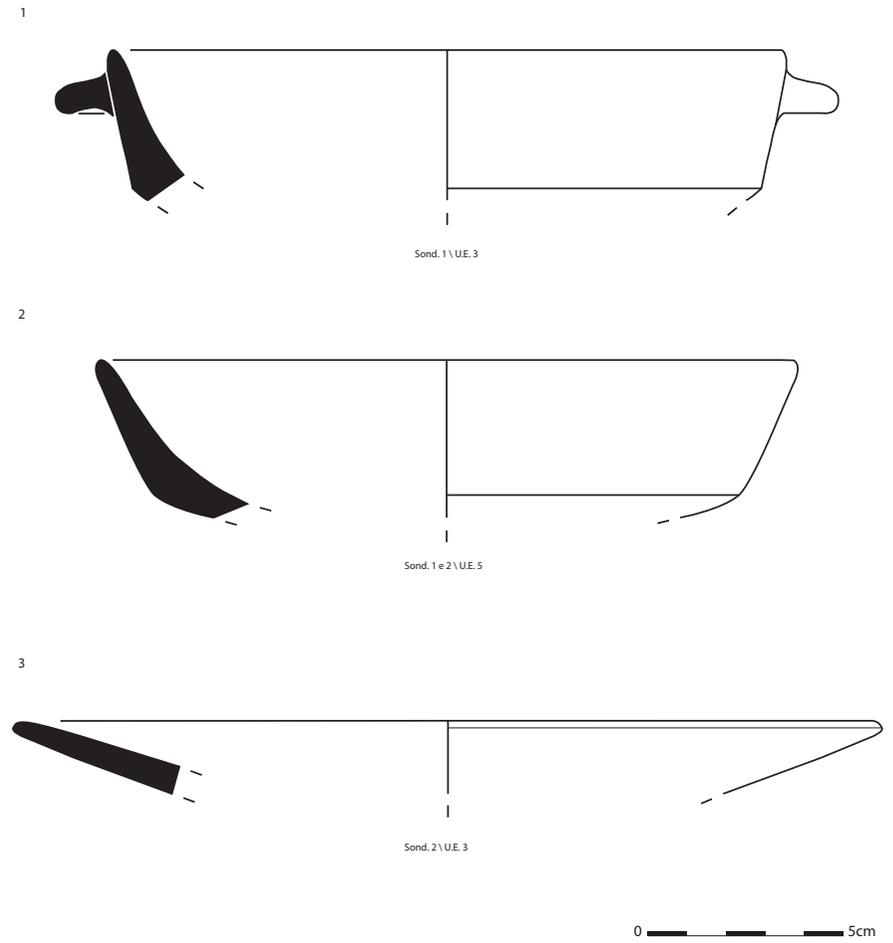
0 25cm

Estampa 4

Estampa 6



Estampa 7



Estampa 8



Fotografia 1. Perspectiva Sul, obtida a partir da área de Intervenção. Povoação de Portel em fundo.



Fotografia 2. Fase de desmatação da zona a intervir.



Fotografia 3. Corte da vala com intersecção de alinhamento.



Fotografia 4. Enquadramento parcial do talude a intervir.



Fotografia 5. Enquadramento parcial do talude a intervir.



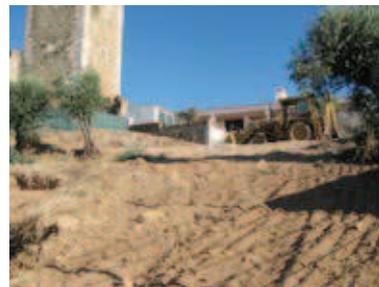
Fotografia 6. Sondagens 1 e 2. Aspecto final dos trabalhos



Fotografia 7. Aspecto final da Sondagem 3.



Fotografia 8. Sondagem 4.



Fotografia 9. Aspecto da artificialização produzida com recurso a maquinaria de obra.



Fotografia 10. Área de intervenção da futura casa de máquinas da piscina após intervenção mecânica.



Fotografia 11. Continuação do muro Sul das Sondagens 1 e 2 descoberta após o acompanhamento das obras.



Fotografia 12. Banqueta 2.



Fotografias 13. Cobertura da área de escavação com tela geotêxtil. Preparação para cobertura final e trabalhos de protecção das estruturas arqueológicas.



Fotografias 14. Cobertura da área de escavação com tela geotêxtil. Preparação para cobertura final e trabalhos de protecção das estruturas arqueológicas.